

Longe como o meu querer

MARINA COLASANTI

Ilustrações da autora

PRÊMIO LATINO-AMERICANO NORMA-FUNDALECTURA
ALTAMENTE RECOMENDÁVEL – FNLIJ

O texto ficcional desta obra é o mesmo das edições anteriores

Longe como o meu querer
© Marina Colasanti, 1996

DIRETOR EDITORIAL · Fernando Paixão
EDITORA · Gabriela Dias
EDITOR ASSISTENTE · Fabricio Waltrick
APOIO DE REDAÇÃO · Pólen Editorial e Kelly Mayumi Ishida
PREPARADORA · Maria Estela Heider Cavalheiro
COORDENADORA DE REVISÃO · Ivany Picasso Batista
REVISORA · Cátia de Almeida

ARTE

PROJETO GRÁFICO · Tecnopop
CAPA · Exata
EDIÇÃO · Cintia Maria da Silva
EDITORAÇÃO ELETRÔNICA · Zin Pan e Exata

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS · RJ

C65l
4.ed.

Longe como o meu querer / texto e ilustrações
Marina Colasanti. - 4.ed. - São Paulo : Ática, 2008
136 p. : il. - (Sinal Aberto)

Apêndice
Inclui bibliografia
Contém suplemento de leitura
isbn 978-85-08-10662-2

1. Comportamento humano - Literatura
infantojuvenil. I. Título. II. Série.

06-3018. CDD 028.5
CDU 087.5

ISBN 978 85 08 10662-2 (aluno)

CAE: 210439
CL: 735427

2018
4ª edição, 8ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática - 1997
Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br
www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Histórias sem tempo

Camponeses, viajantes, príncipes, princesas e reinos distantes pertencem a um **mundo mágico**, fora dos limites do tempo, que faz parte do imaginário de todos nós. Aparentemente distante do nosso cotidiano, esse **universo da fábula** revela, por meio de alegorias, muitos **sentimentos humanos**: medo, solidão, desejo, amor, ciúme, inveja, paixão e tantos outros.

Nesta **coletânea** de pequenas histórias de Marina Colasanti, uma boa dose desses elementos está presente: um rei encomenda 365 paisagens diferentes para suas janelas; uma pintura de mulher desperta a paixão de um príncipe; a mais bela moça da aldeia se transforma em serpente; uma princesa se apaixona por uma cabeça. Personagens como esses habitam *Longe como o meu querer* e revelam um pouco da **alma** de cada um de nós.

Desfrute o prazer de percorrer reinos encantados e descobrir os vários **significados e sutilezas** desses textos. E conheça ainda um pouco mais sobre a autora, em uma entrevista exclusiva que está no fim do livro.

Não perca!

- *Fábulas que revelam aspectos essenciais da alma humana.*
- *Histórias de reinos distantes, príncipes, princesas e viajantes.*

Sumário

A princesa mar a mar	7
Um palácio, noite adentro	13
Pé ante pé	16
Bela, das brancas mãos	21
O moço que não tinha nome	25
Como os campos	29
De ardente coração	31
No dorso da funda duna	36
Por um olhar	40
Debaixo da pele, a lua	46
Eram três, e um precipício	50
Sem asas, porém	57
Um cantar de mar e vento	60
Do tamanho de um irmão	71
Na planície, os castelos	76
Mas ele sabia sonhar	83
Longe como o meu querer	87
Nem de jasmim, nem de rosa	92
Naquela cidade	98
Luz de lanterna, sopra de vento	102
Rio abaixo, rio acima	106
As janelas sobre o mundo	110
Grande delicadeza, perfumadas flores	115
Com sua voz de mulher	120
Bate-papo com Marina Colasanti	125
Obras da autora	131

A PRINCESA MAR A MAR



Três filhas tinha o Rei. E as três queria casar.

Há anos esperava paciente que crescessem, dia a dia medindo-lhes a altura e sopesando-lhes as tranças. Há anos pensava nos genros que lhe trariam, a ele que não tendo filhos homens precisava de espadas.

Afinal, seu olhar lhe disse que a primeira filha estava pronta. E a paciência deixou de ser necessária. Imediatamente mandou chamar o mais antigo e fiel de seus embaixadores e, diante da corte reunida, deu-lhe a ordem que pretendia vir a repetir mais duas vezes: que mandasse pintar o retrato da princesa e o levasse às cortes vizinhas em busca daquele que a faria rainha.

Logo, o Grande Pintor do Reino apresentou-se com seus longos pincéis, seus vidros de tintas e sua pequena barba. A princesa, vestida com ricas roupas, sentou-se para posar. Porém, passados dias e pronto o retrato, a corte desapontada sacudiu a cabeça. O quadro era belo, mas a princesa, ah! a princesa era muito mais bela que o quadro.

Decapitado, sem demora, aquele que ousara enfeitar a filha do Rei, um novo Grande Pintor foi nomeado, para herdar cores e tarefa. Novamente a princesa posou, e ricas eram as suas roupas. Mas novamente a corte sacudiu a cabeça diante do resultado. Dessa vez, de cenho franzido. A beleza da jovem havia ficado ainda mais distante.

Ao terceiro Grande Pintor bastou olhar a princesa para concluir que não era tão grande quanto dele se esperava. Sozinho, foi entregar-se ao carrasco.

E eis que não havia mais pintores no reino, nem Grandes nem pequenos. Ou, se os havia, tratavam de esconder-se.

— Que isso não me impeça de cumprir a ordem — disse o Embaixador ao Rei que já se inquietava. — Levarei o retrato de outra maneira.

Escolheu no tesouro real a mais linda pérola, guardou-a num cofre pequeno, e partiu em sua caruagem rumo às distantes fronteiras do Norte.

Longa, a viagem. Quando enfim chegou ao castelo daquele monarca, chegava com ele o inverno.

— Que mais me trouxe além da neve, Senhor? — perguntou-lhe o castelão do alto do trono.

O Embaixador contou-lhe então da filha do Rei. Que estava madura para casar. E quando o monarca pediu para ver seu retrato, aproximou-se, abriu o cofre pequeno e, sobre o fundo de veludo, exibiu a pérola.

— Assim é ela — disse, em voz alta, para que todos ouvissem. E erguendo a pérola acrescentou: — Bela, rara, pálida. E preciosa.

No dia seguinte, partia de volta o Embaixador,

para levar ao Rei a boa-nova. A primeira das suas filhas seria Rainha das Terras do Norte.

Sem que muito tempo tivesse passado, já o Rei ordenava ao Embaixador que mandasse pintar o retrato da segunda filha e o levasse à corte do Sul.

— Pintar não é possível, sem pintor — respondeu o Embaixador. E acrescentou: — Outro é o retrato que levarei.

Recusando a chave do tesouro que o Rei lhe estendia, desceu aos jardins, aproximou-se da mais linda roseira, cortou com o punhal o botão mais perfeito, que protegeu debaixo do manto. Em seguida subiu na carruagem e partiu.

Demorada, a viagem. Quando enfim chegou ao castelo daquele monarca, o verão chegava com ele.

— Que mais me trouxe, Senhor, além do sol? — perguntou-lhe o castelão do alto do trono.

Então o Embaixador contou como o Rei o havia enviado porque a segunda de suas filhas estava madura para casar. E quando o castelão pediu para ver seu retrato, tirou de debaixo do manto o botão que havia desabrochado, e exibiu à corte a mais linda das rosas.

— Ela é assim — disse, bem alto, para ser ouvido por todos. — Delicada, suave, rósea. A mais nobre entre todas.

Fez uma pausa, procurou com um sorriso o olhar do monarca, e acrescentou: — E tem seus espinhos.

O pretendente hesitou. Mas era pouca a ameaça diante de tão linda flor.

Já no dia seguinte partia o Embaixador para levar a boa-nova ao seu Rei. A segunda filha seria Rainha das Terras do Sul.

Mal havia chegado, e o Rei ordenou que levasse à corte do Oeste o retrato da filha menor. “E que retrato será esse?”, perguntava-se curioso.

Nem tesouro. Nem jardim. O Embaixador olhou a princesa que conhecia desde menina, olhou longamente a moça que ela havia se tornado. Depois, tomando um grande frasco de vidro, foi enchê-lo no mar.

Protegeu o frasco em uma bolsa de couro macio. Subiu na carruagem. E partiu pela terceira vez.

Íngreme, a viagem. E lenta, rumo às fronteiras montanhosas. Quando enfim chegou ao castelo no alto da mais alta montanha daquele reino, a tempestade chegava com ele.

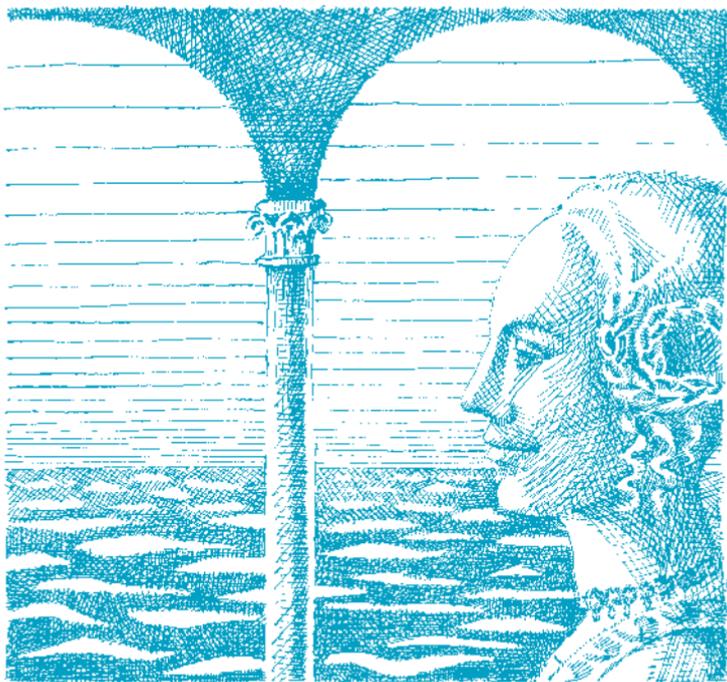
— Senhor — perguntou o castelão em seu trono —, além da borrasca, que mais me trouxe?

— Trouxe-lhe a notícia de que a terceira filha do meu Rei está madura para casar — respondeu o Embaixador, contando ainda como a conhecia desde pequena, como a havia visto crescer.

E quando o monarca perguntou como era ela, adiantou-se, abriu a bolsa macia, tirou o frasco, levantando-o bem alto, para que todos vissem.

— Ela é como o mar — disse lentamente. — Profunda e misteriosa. Cheia de riquezas escondidas. Seus movimentos obedecem à lua.

O monarca, que nunca havia visto o mar, olhava para o frasco e não via nada que correspondesse às palavras do Embaixador. Diante da corte havia apenas um frasco cheio de água transparente, sem segredos de peixes ou estrelas, sem conchas, sem ondas. Água, apenas, entre vidro. Nem sequer azul. Uma esposa assim, para que quereria?



Na manhã seguinte, ao partir, o Embaixador levava consigo o monarca. Desceram e desceram pelos caminhos pedregosos, até o mar. E chegando ao mar, apearam os dois, caminharam pela areia. A espuma alcançava suas botas sem que o monarca se decidisse a voltar. Ali estava o retrato, do qual não conseguia afastar os olhos. Mas por fim, subjogado, murmurou:

— Ela é grande demais para mim.

Pela primeira vez o Embaixador regressou trazendo uma má notícia para o seu Rei. A terceira filha não seria Rainha das Montanhas do Oeste.

O tempo não para porque uma filha de Rei está sem marido. Assim, suas irmãs casaram, bordaram

pequenos enxovais, seus filhos nasceram. E estavam começando a engatinhar, quando chegou ao castelo a notícia de que no horizonte do Leste, onde não havia fronteira porque o Reino terminava no mar, uma vela havia surgido.

Cavaleiros velozes entregaram no castelo a informação de que um grande barco trazendo o Monarca dos Homens Navegadores acabara de atracar. E que este se aproximava com seus guerreiros.

Preparou-se a defesa. Quando os estrangeiros chegaram, centenas de olhos escondidos espiaram por trás das seteiras. Mas os guerreiros traziam as espadas embainhadas, presos os escudos nos arreios.

— O que o traz, Senhor, além dos bons ventos? — perguntou o Rei do alto do seu trono, quando o Monarca Navegador chegou finalmente à sua frente.

Então o visitante contou como havia sabido que a mais jovem das princesas estava madura para casar. Como, sem tê-la visto, a conhecia desde sempre. Como, conhecendo-a, queria casar com ela.

E porque o Rei parecia não entender, adiantou-se, abriu a camisa. Depois virou-se para que todos vissem. E todos viram. Tatuados em seu peito, peixes e conchas entrelaçavam-se nas ondas, estrelas-do-mar deixavam-se levar pela espuma.

— Aqui está o seu retrato — disse, alto, para que todos ouvissem — gravado sobre o meu coração.

A terceira filha do Rei também ouviu. Olhou para aqueles olhos, azuis de tanto se debruçarem sobre a água. E soube, com quanta alegria soube, que seu marido havia chegado.

UM PALÁCIO, NOITE ADENTRO



Sem nunca antes ter desejado uma casa, aquele homem surpreendeu-se desejando um palácio. E o desejo que tinha começado pequeno rapidamente cresceu, ocupando todo o seu querer com cúpulas e torres, fossos e porões, e imensas escadarias cujos degraus se perderiam na sombra, ou no céu.

Mas como construir um palácio quando se é apenas um homem sem nada de seu?

— Bom seria se eu pudesse construir um palácio de água, fresco e cantante, pensou o homem caminhando à beira do rio.

Ajoelhando-se, meteu as mãos na correnteza. Mas a água continuou sua viagem, sem que os dedos fossem suficientes para retê-la. E o homem levantou-se e continuou andando.

— Bom seria se eu pudesse construir um palácio de fogo, luminoso e dançante, pensou mais tarde o homem, diante da fogueira que tinha acendido para se aquecer.

Mas ao estender a mão para tocar a labareda, queimou os dedos. E percebeu que, mesmo que conseguisse construí-lo, jamais poderia morar dentro dele.

Talvez porque o fogo fosse quente como o sol, pareceu-lhe rever-se menino, à beira-mar. E, com a lembrança, vieram os lindos castelos de areia que construía. Agora, o mar estava longe. Porém o homem levantou-se e caminhou, caminhou, caminhou. Até chegar ao deserto. Onde mergulhou as mãos na areia e, com seu suor, começou a empastá-la.

Desta vez, largos muros ergueram-se, dourados como pão. E uma escada que levava ao topo, e um terraço que coroava a escada, e colunas que sustentavam o terraço. Mas ao entardecer o vento acordou, e com sua língua macia começou a lamber a construção. Levou os muros, desmanchou o terraço, esfarelou as colunas que o homem nem tinha acabado de fazer.

— De fato — pensou o homem, paciente —, é preciso coisa mais duradoura para se fazer um palácio.

Abandonou o deserto, atravessou a planície, escalou uma montanha. No topo, sentou-se. E em voz alta começou a descrever o palácio que via na imaginação.

Saídas da sua boca, as palavras empilhavam-se como tijolos. Salões, pátios, galerias surgiam aos poucos no alto da montanha, rodeados pelos jardins das frases. Mas não havia ninguém para ouvi-lo. E quando o homem, cansado, calou-se, a rica arquitetura pareceu estremecer, desbotar. No silêncio, aos poucos se desfez.

Era dia ainda. Esgotados todos os recursos, ainda assim não se esgotava o desejo. Então o homem dei-